

Penela

Um percurso pelo tempo

COORDENAÇÃO

Margarida Sobral Neto

TEXTOS

Ana Isabel Ribeiro, Cristóvão Mata, Guilhermina Mota,
Jorge de Alarcão, Leontina Ventura,
Maria Helena da Cruz Coelho, Raquel Vilaça

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Márcia Motta

Univ. Federal Fluminense, Brasil

Paola Nestola

Universitá del Salento, Itália

Pegerto Saavedra

Univ. de Santiago de Compostela, Espanha

João Gouveia Monteiro

Universidade de Coimbra, Portugal

João Marinho dos Santos

Universidade de Coimbra, Portugal

Pedro Carvalho

Universidade de Coimbra, Portugal

Título: Penela – Um percurso pelo tempo

Coordenação: Margarida Sobral Neto

Textos: Ana Isabel Ribeiro, Cristóvão Mata, Guilhermina Mota, Jorge de Alarcão,
Leontina Ventura, Maria Helena da Cruz Coelho, Raquel Vilaça

Capa: Paula Leal s/ fotografias do acervo da Câmara Municipal de Penela

© 2015 Câmara Municipal de Penela

Direitos reservados por Terra Ocre, Lda.

Edição: Palimage

Apartado 10032

3031-601 Coimbra

palimage@palimage.pt

www.palimage.pt

Data de edição: dezembro de 2015

ISBN: 978-989-703-142-7

Depósito Legal n.º 403080/15

Impressão: Artipol – Artes Tipográficas, Lda.



PALIMAGE É UMA MARCA EDITORIAL DA TERRA OCRE EDIÇÕES

**A HISTÓRIA LOCAL NA HISTORIOGRAFIA
DE SALVADOR DIAS ARNAUT**
Local History in Salvador Dias Arnaut's historiography

LEONTINA VENTURA
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Centro de História da Sociedade e da Cultura
ldvdf@fl.uc.pt

Resumo: O propósito do presente estudo é apresentar alguns aspetos do percurso académico e historiográfico do Professor Salvador Dias Arnaut, destacando de forma particular as suas investigações no campo da História Local e Regional.

Palavras chave: Salvador Dias Arnaut, historiografia portuguesa, História Local e Regional.

Abstract: The purpose of this study is to present some aspects of academic and historiographical career of Professor Salvador Dias Arnaut, highlighting in a particular way their recherche concerning Local and Regional History.

Keywords: Salvador Dias Arnaut, portuguese historiography, Local and Regional History.

Introdução

Salvador Dias Arnaut nasceu na aldeia do Pastor a 25 de Outubro de 1913. Viveu, enquanto estudante, no velho burgo de Celas, bem junto do medievo mosteiro de Santa Maria. Residiu, depois, enquanto fez o seu Curso Médico, na Rua dos Combatentes (Estrada de S. José, como a referia, antes da mudança do seu nome, no final dos seus escritos na *Gazeta de Coimbra*). Licenciado em 1940, exerceu durante algum tempo a profissão de médico na Delegação de Saúde de Coimbra e a de professor na Escola de Enfermagem Rainha Santa Isabel.

Dois anos depois, em 1942, casou com a Senhora D. Maria Madalena de Bettencourt Forjaz de Lacerda, açoriana que conheceu em casa de Eugénio de Castro. O próprio poeta, cuja filha era casada com um irmão de D. Madalena, haveria de apadrinhar o casamento. Viveram ambos a maior parte da sua vida na emblemática Couraça da Estrela, no núcleo da histórica medina da cidade, à sombra da sua amada Universidade e debruçado sobre

as águas do Mondego, de onde bem podia admirar os verdejantes espaços onde vivera a “sua” bela Inês.

Tocado desde muito cedo pela História, o médico Salvador Dias Arnaut cursou Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras, onde concluiu a licenciatura em 1951, com 18 valores, e o doutoramento, em 1960, com 19 valores. O mérito da sua dissertação de licenciatura *A Batalha de Trancoso* fez dele cidadão honorário desse concelho. O alto valor da sua dissertação de doutoramento *A Crise Nacional dos fins do século XIV. I. A sucessão de D. Fernando* fez dele um medievalista de renome, e dela uma obra clássica de História Medieval Portuguesa, marcada pela solidez e rigor da sua investigação e pelos avanços firmes no esclarecimento da história política e social da crise dos finais do século XIV.

Nos seus trabalhos sobre a problemática dos finais do século XIV, o quotidiano, a alimentação, a medicina ou sobre a história local, Coimbra e Penela – cidade e vila, povoações ou territórios – emergem como os seus lugares. Aquela, revelada nos estudos sobre o Mestre de Avis ou o Infante D. Pedro, mas sobretudo nos trabalhos com que tantas vezes o identificamos: *Coimbra e o drama de Inês de Castro* (1970), *O episódio de Inês de Castro à luz da História* (1972) ou *Os amores de Pedro e Inês: suas consequências políticas* (1986). Esta, em: *Penela. Notas Acerca de um Centenário* (1937), *Ladeia e Ladera* (1939), *Região do Rabaçal. A Terra e o Homem* (1955), *Novas achegas para a história da Ladeia* (1957), *Terras de Ansião. Um pouco de História* (1964), *Penela na obra de dois escritores (Fernão Lopes e Eloy de Sá Sotto Maior)* (1966), *O Castelo de Germanelo* (1982), *Penela. História e Arte* (1983) e *O Infante D. Pedro senhor de Penela* (1993).

O historiador e intelectual de grande probidade científica, de grande abertura de espírito e de sagaz capacidade construtiva assoma em toda a obra. Almejando a exacta reposição dos factos na sua veracidade histórica e espiando, por detrás do agir das suas personagens, os traços singulares do seu carácter, do seu rosto, da sua silhueta. (Re)descobrir a verdadeira Inês de Castro foi também uma forma de procurar conhecer o Homem no seu todo, objectivo que perseguia tenazmente.

Uma História humanizada e viva que se reflectia claramente na História que transmitia, em conferências ou palestras, e ensinava nas múltiplas e díspares cadeiras que leccionou: da História Geral à História de Portugal

– Medieval, Moderna ou Contemporânea –, da História da Expansão Portuguesa à História do Brasil, passando pela Formação do Mundo Moderno e Contemporâneo. Não apenas a alunos nacionais, mas também a muitas gerações de estrangeiros, no Curso de Férias e nos Cursos Anuais para Estrangeiros, durante cerca de duas décadas. Agradados com o que ouvíamos, sentíamos-nos espectadores em interação com as personagens e os tempos que estudávamos. Um magistério que prolongou muito para além do limite de idade, pois, jubilado em 1983, continuou a colaborar, até 1995, como professor catedrático convidado, nos Mestrados de História Moderna e de História da Expansão. A insatisfação do saber, o gosto de investigar, o desejo de publicar e o prazer de ensinar permaneceram nele até aos seus últimos dias.

Homem profundo, sabia sentir o fascínio da Natureza e da vida em toda a plenitude. Em retiro, na proximidade da Natureza, na convivência da sua austeridade e serenidade, produziu os seus mais importantes escritos ou as suas poesias. Dotado de impressionante sensibilidade aos valores estéticos, a paisagem extasiava-o, como se ela fosse uma obra de arte. Sabia olhar e interiorizar placidamente a Natureza, do mesmo modo que sabia escutar e perceber o Outro. Uma relação que sabia exprimir pelas mais belas palavras interpenetradas por uma forte musicalidade, qual poeta criador, tal como Mário de Sá-Carneiro exprimindo, por música, a sua interioridade e cujo poema *Anto* o Doutor Arnaut tanto admirava e tantas vezes nos repetia¹. E qual Antó com quem se irmanava na emoção perante Coimbra e a sua paisagem, como tão bem o manifestou em *António Nobre e a paisagem de Coimbra*.

Já no passado, embora sabendo que não era muito dado a manifestações públicas e a honrarias oficiais, acreditei que ficaria sensibilizado por ver perenizado o seu nome numa rua de Coimbra, a cidade que tanto amou e defendeu e que tão profundamente o marcou.

¹ Recordo, com muita saudade, esses convívios/jantares que com ele fazíamos (eu, o João Lourenço Roque, o Fernando Taveira, a Margarida Neto e a Guilhermina Mota) no dia do aniversário de cada um. Momentos de partilha de emoções e de pequenas e grandes coisas da vida.

Se tantos outros como o Doutor Arnaut, pelos exemplos de vida, mereceram a atribuição do seu nome a uma rua, em um aspecto singular, dificilmente qualquer outro o terá merecido mais do que ele, pelo simbolismo que a rua teve na sua vida. A rua foi verdadeiramente um seu lugar de vida. O Doutor Arnaut, Historiador e Pedagogo, é identificado pela obra científica que produziu e soube transmitir, mas também por deambular connosco, em movimento constante, ao longo dos corredores da Faculdade de Letras, dando-nos, peripateticamente, lições de História e de Vida. O Homem, o Cidadão Salvador Arnaut é identificado como o que deambulava permanentemente pelo Botânico e pelas ruas de Coimbra, sempre a pé, acompanhado pelo seu cão, com um olhar atento a todos os pormenores, sobretudo da Alta, onde residia e conhecia como ninguém. E, ainda, como o Homem Bom que gozava de simpatia geral e que, na rua, convivía com todo o tipo de pessoas, em especial com os mais simples, a todos ouvindo e aconselhando².

Mas seguramente que mais ainda teria rejubilado com a criação do Centro de Estudos de História Local Regional na terra que o viu nascer, na sua Penela.

Escolheu-se seguramente a melhor forma de homenagear e perpetuar o nome de Salvador Dias Arnaut: na sua Penela, sob o olhar do seu Germanelo, em sua casa, em constante intimidade com os seus queridos livros, alguém dedica um labor diário em serviço da História, muito em especial da História Local. Por outro lado, mensalmente, jovens autarcas da sua terra, a sua família, os seus colegas e amigos, alguns dos seus antigos alunos e conterrâneos encontram-se para conversarem sobre História Local. Em cada um e em todos esses momentos convocamos Salvador Dias Arnaut para as nossas conversas.

² Veja-se o meu testemunho em “Na Inauguração da Rua Doutor Salvador Dias Arnaut”, no dia 21 de Outubro de 2006, in <http://guitarradecoimbra.blogspot.pt/2006/10/na-inaugurao-da-rua-doutor-salvador.html>. Veja-se, também, em “Breve nota de apresentação” a *Economia, Sociedade e Poderes. Estudos em homenagem a Salvador Dias Arnaut*, Coimbra, 2002, p. 9, nota 1, a enumeração das diferentes manifestações de homenagem, nomeadamente escritas, feitas em vida ou depois da sua morte, e dos seus autores. Nesse mesmo volume, a pp. 11-19, deixei registado a minha sentida admiração pelo ser humano que foi, sempre disponível para nos “cativar”, num elogio do “tempo perdido” e do seu significado na construção dos laços profundos de conhecimento e de amizade.

Que melhores símbolos poderiam, todos juntos e devidamente preservados, eternizar a justa memória do Doutor Arnaut: as pedras do seu castelo, as pedras da sua casa – cuja reconstrução acompanhou semanalmente com preocupação e desvelo, desejando mantê-la, na traça e nos materiais, na sua forma mais tradicional e genuína – e estas outras, como que pedras preciosas, que se guardam dentro desta casa: os seus livros. Livros que amou como filhos, livros que temeu que algum dia fossem separados, ou alienados, sem a consciência do seu valor.

Não tenho a menor dúvida sobre a emoção e o júbilo que sentiria Salvador Dias Arnaut por ver sentados à mesma mesa três pilares da sua vivência, da sua relação: a sua família, representada por aquele que tanto amava e cujo futuro tanto o preocupava nos seus últimos tempos; a sua Faculdade de Letras, representada pelos que são os rostos visíveis desta parceria, a sua “pátria”, representada pelo seu Presidente da Câmara, com quem tanto gostaria de ter conversado e convivido e de cujo empreendedorismo, empenho, inquietude constante, imaginação e criatividade, estou segura, se teria orgulhado muito. O que têm feito, desde a Presidência do Senhor Engenheiro Paulo Júlio, em comunhão com a família do Doutor Arnaut, em especial com o Salvador Manuel, o respeito com que têm tratado estes simbólicos bens, hoje pertença da família e dos penelenses, como, afinal, de todos nós, creiam que faria rejubilar o nosso Doutor Arnaut (como tanto gostávamos de o chamar).

Recordando as palavras que proferiu, em 1937, na conferência comemorativa do 8.º centenário do foral de Penela, com cerca de 24 anos, ainda estudante de Medicina, mas já amante e cultor da História, eu diria que o Eng.º Paulo Júlio parece ter ouvido o eco do seu grito e que, com os Presidentes que se lhe seguiram, estão a cumprir um desiderato do nosso querido Mestre, no que toca a Penela.

Defendendo que “a alma da [sua] terra é a instituição concelhia” (1937: 46), Salvador Dias Arnaut desafiava assim os seus conterrâneos: “É preciso que definitivamente os penelenses saiam do marasmo, da apatia contemplativa em que mergulharam. Este o lema: tornarmo-nos dignos do que fomos”. E, mais ousado ainda, provocava os seus ouvintes: “Não perdi a esperança de ainda ver Penela foco de atracção de quem visite Coimbra. (...) É um sonho ... agora! Mas há de ser realidade. O essencial é querermos” (1937: 51-52).

Pois orgulhar-se-ia, hoje, ao ver que a sua Penela não só se tornou um centro atractivo, mas, mais ainda, sobretudo desde a Presidência do Eng.º Paulo Júlio, se tornou capaz de ser ela a polarizar sinergias e a liderar, em perfeita interacção, projectos que, creio bem, mostrarão que a maior ou menor expressão e visibilidade de um município não dependem da sua dimensão mas, sim, da sua capacidade de iniciativa. A Agência para o Desenvolvimento dos Castelos e Muralhas Medievais do Mondego é, por ora, um dos exemplos mais significativos do poder catalisador e mobilizador de energias de Paulo Júlio, ou seja, do querer. Um querer feito de amor à terra, sustentado em vontade férrea e projectado numa memória futura. Como diria Salvador Dias Arnaut, ainda nesse mesmo ano de 1937: “que esse amor [à nossa terra e ao seu passado] não nos impeça de agir, mas antes nos faça agir; que nunca nos contentemos de ser somente porque fomos, mas ainda porque seremos” (1937: 50).

Estou convicta que a Agência para o Desenvolvimento dos Castelos e Muralhas Medievais do Mondego, ainda que de âmbito mais alargado, corporiza, decerto, aquela que advogava Salvador Dias Arnaut, há mais de setenta e cinco anos, e a que chamava de Sociedade de Defesa e Propaganda de Penela, a criar com o fim, em primeiro lugar, de defender e tornar conhecida a vila, mas também de trazer “para cá os dirigentes conimbricenses do turismo e mostrar-lhes o que Penela e a região têm de notável: as belezas do burgo, os castelos e os panoramas, a aspereza exótica dos montes do Rabaçal e a doçura da paisagem do vale do Dueça...” (1937: 52-53).

1. O que fez pela História Local

“É do conhecimento exacto do que foi e do que é, que se deve concluir o que deve ser.” (Arnaud, 1937: 47)

Mas concretizemos: o que fez Salvador Dias Arnaut pela história local?

O Centro de Estudos de História Local e Regional, no fundo, a começar pela sua designação, sintetiza e manifesta bem tudo quanto fez pela História Local. Nele está reunida, agora, a excelente e estimada colecção de monografias (cerca de 11000), adquiridas durante anos a fio por

Salvador Dias Arnaut, sobre as mais pequenas ou maiores freguesias, vilas, cidades e regiões deste país. Outrora guardada e espalhada pelos corredores e salas do n.º 10 da Couraça de Lisboa, já se abria a todos os que, delas necessitados para os seus trabalhos, demandavam a consulta ou o empréstimo ao seu proprietário. Hoje, qualquer um aqui se poderá dirigir para as consultar – algumas delas são de difícil, ou muito difícil acesso. E há-as aqui de todo o país. Monografias locais ou regionais. Não exclusivamente da área da História, mas também da Antropologia, da Sociologia e da História da Arte. O conhecimento delas permitirá aos naturais de cada um dos locais estudados um melhor conhecimento das suas terras e, sobretudo, no confronto com o feito e o dito, propor interrogações, levantar dúvidas e problemas, que serão pontos de partida para novas monografias. Sem esquecer a importância que cada uma e todas têm para a síntese histórica, para a própria análise do percurso da historiografia local e regional ou para a história do municipalismo.

A sua colecção manifesta claramente o percurso historiográfico da história local, desde a criação da Academia Real da História em 1720 e as primeiras tentativas de valorizar tais estudos, à defesa da história local e regional por A. Herculano que, em 1847, convocava as Câmaras a coordenarem e organizarem as suas histórias, publicando e recolhendo nos Anais do município toda a factologia realmente importante que ocorresse nos municípios. A recolha do Doutor Arnaut evidencia bem esta evolução pois enquanto aquele início é marcado por um reduzido número de exemplares, o número de monografias publicadas na segunda metade do século XIX cresce exponencialmente na sua biblioteca. E no início do século XX, o método monográfico, como utilização exaustiva de fontes e abordagem ao pormenor das questões, expresso na narração ordenada e minuciosa do que foi apurado, é assumido com clareza, rotulando mesmo os trabalhos que vão saindo – com um óptimo campo laboratorial nas várias vilas e cidades do Algarve, entre 1905 e 1913. Algumas centenas de trabalhos aqui presentes exibem a palavra “monografia” no seu título ou subtítulo. O século XX vê estes estudos intensificarem-se. Inúmeras teses de licenciatura presentes na biblioteca de Salvador Dias Arnaut são o resultado fecundo de trabalhos, por ele orientados, que se defenderam nos anos finais da década de 60 e nos inícios da década de 70 do século XX, e que implementaram a História local.

Um novo impulso foi dado com a inserção da História Local nos currícula universitários, ao nível da licenciatura e de cursos de pós-graduação. As parcerias entre a Universidade e as Câmaras têm, também, proporcionado a recuperação desta área de estudo e renovado o interesse por ela. E este Centro está a cumprir e a aceitar como seu o desiderato do Doutor Arnaut, ao assumir-se como centro aberto e dinâmico, dando continuidade à obra do cultor da História Local e Regional, não só adquirindo tudo quanto nesse âmbito se for publicando, mas patrocinando teses de licenciatura e doutoramento realizadas nesse domínio historiográfico.

2. Como fez História Local

Como fez Salvador Dias Arnaut história local? E, mais precisamente, história de Penela e sua região?

Luis de Oliveira Guimarães, prefaciador de *Penela. Notas acerca de um centenário*, a 1.^a obra de história local escrita por Salvador Dias Arnaut, em 1937³, enaltecia os excelentes predicados literários e de exposição que amenizavam e completavam a qualidade do jovem investigador, que se comprazia em trabalho de arquivo em busca do conhecimento, da verdade e do rigor, caminho que, profetizava, haveria de permitir-lhe construir uma obra que seria, no futuro, um monumento. Reconheçamos que a profecia se realizou. E a realização dessa extraordinária vocação de historiador começou pela História Local. Uma vertente que haveria de manter até quase aos seus últimos dias. Soube fazer bem História Local.

Sustentado numa busca, diria, numa perseguição, rigorosa e exaustiva de documentação dispersa, numa vasta e precisa erudição e numa insuperável capacidade de observação, assume nitidamente uma perspectiva antropo-

³ Apesar de ser este o primeiro estudo que figura no seu currículo académico, e que, como tal, tem constado nas exposições das suas obras que têm sido realizadas, começara a “frequentar” a história local desde 1927. Cf. ALMEIDA, 1996: 31-45; OLIVEIRA, 1985: 201-206; OLIVEIRA, 2013: 201-284; 303-308. Diga-se, no entanto, que, na bibliografia final da obra *Penela – história e arte*, Salvador Dias Arnaut deixou registados os títulos publicados, em 1932 e 1933, sobre o Avelar, no jornal “Novo Horizonte” do Avelar (de 15.06.1932; 15.11.1932; 31.03.1933). Um seu currículo bibliográfico completo foi, porém, apresentado por TOMAZ, 1996: 9-30.

lógica e sociológica, compreendendo muito bem a plurifacetada vivência comunitária.

As origens, a rigorosa determinação dos limites e da geografia de cada uma das regiões (mais do que dos lugares) que analisa são sempre o seu ponto de partida. Para o que não lhe bastavam os documentos e a crítica documental. Procurava completar ou confrontar a informação destes com o conhecimento de doutos sábios como Leite de Vasconcelos, Joaquim da Silveira, António Baião e tantos outros; com o conhecimento de outros menos doutos, mas muito sábios, padres uns, professores primários outros⁴; com o auxílio empenhado de antigos alunos, naturais da região, feitos companheiros de caminhadas⁵, ou mesmo com o conhecimento empírico dos homens simples da zona que, não apenas, com seus serrotes, abriam clareiras na selva de alguns vales a fim de que penetrasse em covas e subisse a altos, mas também lhes forneciam sugestões de reflexão e trabalho⁶.

Definido o território como unidade de partida, logo se estabelecia o contacto com o cenário onde a acção se desenrolaria. No específico da sua paisagem, do seu ambiente e das suas cores, a abordagem era transdisciplinar: convergiam a geografia regional, a geologia, a antropologia, a sociologia, a museologia, a arqueologia, a toponímia, a história e a história local, o património, a história oral, a etnologia, a etnografia, a história do municipalismo, a literatura. Sabia como ninguém prestar atenção e admirar a natureza, deixando-se tocar pela sua força telúrica. A sensibilidade e o encantamento de Salvador Dias Arnaut pela Natureza era infundável. Ouçamo-lo numa das suas últimas obras sobre Penela (*Penela. História e Arte*), síntese e ponto de chegada dos seus estudos sobre a região:

“A diversa constituição do solo, as grandes variações de altitude – só por si explicariam uma espontânea e intensa policromia do concelho.

⁴ D. Maria Alice Dias da Paz, professora em Alfafar, os Senhores António Ferreira Afonso, Elísio Mendes de Oliveira, José Francisco Mendes Henriques, Carlos Reis e Daniel Pinheiro de Almeida, Henrique de Oliveira e Silva Soares, respectivamente professores em Maçãs de D. Maria, Chão de Couce, Maçãs do Caminho, Pessegueiro e Rabaçal; ou os Padres Gabriel Duarte Martins, Manuel Gonçalves Serra e Abel de Melo Peres, respectivamente do Alvorge, de Almoester e do Carvalhal e de Arega. Acrescente-se o Dr. Vítor Faveiro, de Ancião.

⁵ É referido expressamente o Dr. Adail Freire, meu saudoso colega de curso.

⁶ Designadamente os Senhores Manuel e Júlio Ferreira Marto.

E há que juntar a acção humana. O verde-negro de pinheiros erguidos em terra vermelha. O verde-cinzento de oliveiras em terra castanha escura. Verdes milheirais. Cinzento geral das terras calcárias, de pedras esbranquiçadas, tapete escasso da aromática erva de Santa Maria e de sargaças, oliveiras torturadas, carrascos de folha coriácea ... Roxo da flor das urzes da Serra do Espinhal vistas de longe. Cor sanguínea dos vinhedos e amarela de castanheiros e choupos ... Sabemos lá! Maravilha!

Do castelo de Penela a vista perde-se por extensíssima paisagem. Para nascente, com vermelho ao fundo, depois, pinhais, pinhais ... O Espinhal branco, no sopé da tira azul, salpicada de pontos brancos, da Serra do Espinhal. Subir esta serra pela estrada de Castanheira de Pera, ir até à capelinha de S. João do Deserto a 150 metros de altitude, espriar a vista pela baixa do Pastor, por Penela acastelada, pelo bicudo Germanelo acinzentado – é passar momentos inesquecíveis.

Do alto do Germanelo – para sul e poente são os belos montes da Ateanha, do Gerumelo e Trás de Figueiró, é a serrania cinzenta, escavada, nua, do calcário, até ao alto da serra de Sicó, e mais ao pé a mancha verde e branca do Rabaçal, e logo em baixo a medieval Fartosa, toda airosa e tão ligada ao castelo que se apontava lá a casa de D. Afonso Henriques. Para norte – verde cinzento de oliveiras, verde escuro brilhante de carrascos, depois o verde-negro de pinhais, e mais pinhais, e mais pinhais, ondulando, e, numa clareira, o esbranquiçado do Senhor da Serra, e Coimbra (a parte alta, dos Olivais) ainda mais ao longe, branca sobre o azul, quase preto, da Serra do Buçaco. Para nascente é possível ter um primeiro plano torrado, em seguida um verde-negro de pinheiros em terra avermelhada, depois (e ao longe) a magia do azul dos tons e nas formas mais variadas – a da Serra do Espinhal. E tudo ao som de um coro grandioso de cigarras, com altos e baixos, ao sabor da brisa. Cigarras que ali, naquele monte, sem ninguém, pousam nas pessoas a cantar” (1983: 88) (...).

Enfim “Paisagens as mais diversas com que a Natureza brindou o concelho de Penela! Às quais a lembrança do passado, a densidade de recordações, aumentam ainda, se é possível, a sedução” (1983: 92).

A percepção do valor cultural das paisagens e a luta pela sua conservação foram sempre uma preocupação do Doutor Arnaut. Aí estavam as raízes das populações e as possibilidades do seu contínuo desenvolvimento. O seu grande objectivo, ao estimular os penelenses, ao provocá-los, era ajudá-los a descobrir a história e o património da sua região, valorizando-o e protegendo-o, numa acção permanente de descoberta da sua identidade, a fim de

lhe permitir uma acção mais activa na comunidade local, contribuindo para o seu desenvolvimento e afirmação. A história local tinha para ele, como julgo dever ter, o objectivo de conhecimento da história das comunidades locais e respectivos território/município/região, a fim de estimular a descoberta da identidade local como factor de integração, desenvolvimento e afirmação.

As suas obras: *Penela. Notas acerca de um centenário, Ladeia e Ladera* ou *O castelo do Germanelo* foram-se tecendo a partir dos problemas que o inquietavam. A primeira (de 1937, aproveitando o 8.º centenário do foral de Penela) tinha como objectivo muito claro agitar as consciências dos penelenses, despertar as suas vontades e criar a mudança – discutindo ideias, libertando a vontade de agir em prol do seu bem comum. A segunda (de 1939, quando se comemorava o feito de Ourique) pretendeu reflectir, se não resolver, um problema, mais de história nacional do que de história local – a localização geográfica da batalha ou fossado de Ourique (1139). A última, *O castelo de Germanelo* (1982), reportando-se à história do castelo, por ele adquirido em 1941, justificava-se pela revelação dos trabalhos de escavação realizados, os respectivos achados arqueológicos e as conclusões a tirar. Não menos para devolver o castelo aos germanelenses e despertar neles a revalorização do significado do passado, fazendo recuperar no espaço a memória colectiva perdida no tempo. Para todos os casos reportados, cremos poder chamar à colação as palavras de António de Oliveira: “é o presente e não o passado que comanda a historiografia” ou “a história, como construto intelectual, é sempre uma história contemporânea, para além de autobiográfica”.

Deste outro nosso muito estimado Mestre são ainda estas afirmações que se podem aplicar à obra de Salvador Dias Arnaut: “Cada geração interpreta a história de acordo com o papel que traça para o seu presente” (Oliveira, 2002: 14), “São as preocupações do presente que nos levam a interrogar o passado” (OLIVEIRA, 2010: 53) ou “Ao passado vai buscar-se apenas o que é pertinente às gerações do presente, ao futuro que delinearão para si (...). As obras históricas tecem-se a partir dos problemas que nos inquietam.”

Às preocupações com o presente se associavam, em Salvador Dias Arnaut, a sua sensibilidade e imaginação, essenciais no desenvolvimento da sua narrativa e que constituem caminhos privilegiados para a compreensão e o conhecimento. A imaginação e a sensibilidade estão implicadas, tal como

a inteligência ou a razão, ou há mesmo um predomínio da emoção, dos sentidos e do sentimento sobre a razão e o espírito. Era por isso atraído pela Idade Média, pelo pitoresco dos seus usos e costumes, pelo mistério das suas lendas e tradições, pela beleza nostálgica dos seus castelos. A Idade Média representava também uma época de solidariedade activa e firme, de solidez orgânica e de saúde moral da sociedade, fundamentadas nos princípios cristãos. São esses homens que dominam as suas narrativas e lhe permitem falar dos contemporâneos, das permanências e das novidades. Ouçamo-lo em *Região do Rabaçal. A Terra e o Homem*:

“(...) Estou a ver D. Afonso Henriques, em 1147, com um punhado dos seus, todos montados, passando na estrada de Coimbra, à vista da fortaleza germanelense, caminho de Santarém.

Agora ainda por lá anda, pelos campos mirrados, pelas velhas estradas, um ou outro cavaleiro. O Manuel Bento da Fartosa, no dia em que me veio consultar a Penela por causa de uma bolha, que afinal era o terrível carbúnculo, parecia um rei, em cima da sua nervosa égua. Também agora o quadro dos bois, puxando o seu carro de eixo de madeira, pouco deve diferir do dos bois de Fernando Cativo puxando o seu carro no século XII.

Só o que realmente é novo são os automóveis, as camionetas, estragando o silêncio secular dos campos tristes, rodando velozes por estradas lisas que fariam só por si o espanto de um colono do século XII” (1955: 17-18).

A fortíssima adesão, convivência, estudo e defesa da história local por Salvador Dias Arnaut antecede mesmo a tendência desenvolvida em França nos anos 50⁷. Ele percebeu bem, desde cedo, sem ainda ser historiador, que, por via da história local ou regional, se podiam iluminar, em detalhe, as grandes questões económicas, políticas, sociais e culturais que até então haviam sido examinadas no âmbito das nações ocidentais.

Na linha de Vidal de la Blache, reconhecia a influência do meio e a sua relação com o homem, tal como o papel do homem na modelação do meio geográfico. Segundo este, a terra não determina o comportamento do homem. Apenas lhe oferece oportunidades: o homem é quem faz a escolha.

⁷ Integrada na nova concepção historiográfica surgida em França em 1929.

Em *Região do Rabaçal. A Terra e o Homem*, resultado de um trabalho prático realizado no curso de Geografia Humana de 1945 e publicado em 1955, “dá conta da humanização progressiva do solo numa das regiões mais pobres e mais estranhamente típicas do nosso País”. Para além de pôr sob foco o papel do homem na evolução da paisagem, chama a atenção para a necessidade da interdisciplinaridade entre os estudos da História e os da Geografia Humana⁸.

Essa interdisciplinaridade (Geografia e História, mas, também, Sociologia e Antropologia) enforma o seu olhar sensível, despertado para a emoção, com que constrói o conhecimento e no-lo comunica:

“A região do Rabaçal tem seu quê de fortemente impressionante. O solo, de natureza calcária, sofre os tormentos da sede nas estiagens. É, além disso, muito pouco fértil. Na verdade, quem visitar a região dificilmente deixará de colher uma profunda sensação de pobreza. Os altos dos montes sem árvores, apenas forrados por um mato ralo e rasteiro; as planícies, os campos de cultura, com raro arvoredado, tanto dele raquítico, enfezado; de distância a distância, como que milagre no meio da aridez – um poço com gaivota, uma fonte de mergulho, um povoado... Nos dias quentes de Verão o Sol parece ser rei absoluto daquelas terras. Chega a ser insuportável.

Sob a incidência dos seus raios as pedras queimam, estalam, e são outras tantas fogueiras a aquecer, a quase tornar irrespirável a atmosfera. Nos caminhos de pedra movediça ou de leito rochoso, firme, coberto de pó cinzento estagnado – nem vivalma! Nem uma sombra! Milhares de cigarras por toda a parte, nos trigais, no leito seco dos arroios, nos montes calcinados, cantam monotonamente o seu hino ao Sol. (...)

No Inverno o quadro é naturalmente diverso. Das encostas nuas escorrem as águas, que entram nos riachos e em torrente, por vezes impetuosa, alagam as terras baixas. A lama esbranquiçada por toda a parte! É então que aqueles campos, debaixo de um céu sombrio, soprados pelo vento húmido, molhados até aos ossos – são mais tristes e mais gritam a sua angústia.

A chuva cai – mas em breve os campos ficarão sequiosos. Antes que isso aconteça, o homem vai deitar a semente à terra. Há então por muita parte uma azáfama enorme; os arados, imobilizados alguns meses, voltam a sulcar as leiras pedregosas; as enxadas retinam nas

⁸ Esta apreciação foi registada, na primeira nota de rodapé do referido estudo, pela própria Redacção do *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*.

encostas íngremes ... Não tardará que um manto verde descontínuo brote daqueles campos. E, quando o sol duro vier, a terra terá, como que a protegê-la do calor dos seus raios, longuíssimas searas já crescidas.

O povo explica a escassez da água na sua região (...) de um modo geral realistamente: pela constituição do solo. A experiência deu-lhe esse ensinamento. (...)

No entanto, o homem não é apenas cientista. Essa explicação não bastava... Um compadre meu da Lagarteira (...) contou-me, cheio de convicção, uma curiosa história (...).

Na lenda que acabo de referir há uma explicação de ordem não científica, mas em todo o caso uma explicação, motivada pelo espanto que ao homem crédulo tem causado o ser a sua região tão pobre, tão seca, tão nua, tão pouco povoada – quanto noutras a dois passos há água com fartura, espesso arvoredo, campinas fertilíssimas, casas por toda a parte.

Mas as explicações desta ordem não ficam por aqui. Há-as na própria região do Rabaçal. (...)

Entre lendas como estas e os mitos antigos há pontos de contacto que é escusado acentuar. (...)” (1955: 3-7)

Segue-se, depois, a incorporação da narrativa nos fenómenos históricos da região e a sua relação com o cenário nacional.

Cada caso individual surge sempre em comparação e devidamente contextualizado – delimitado em termos geográficos e temporais, mas inserto em contexto teórico e histórico mais amplo. Assaz diversos são os materiais que carrega para a construção das suas analíticas narrativas, das suas “fotografias de corpo inteiro” de cada comunidade: para além dos documentos de arquivo, dos anais e crónicas, dos livros de memorialistas e relatos de viagens, das fotografias, do quotidiano das pessoas, valoriza os testemunhos orais, o recurso à memória, aos mitos, às lendas. Não sem uma atitude crítica, não sem o confronto de uns testemunhos com outros, não sem os contrastar com os documentos escritos. Mas nunca descurando a ideia de que os mitos e lendas de âmbito local, apresentados como uma tentativa de explicar a realidade, estão associados a experiências colectivas que foram importantes na história da localidade, interferindo na sua identidade.

A mesma concepção interdisciplinar, a mesma inserção das especificidades locais em âmbito regional (e nacional) e a sempre peculiar relação entre passado e presente, propiciadora da formação de cidadãos conscientes

e críticos, se encontra em *Terras de Ansião. Um pouco da sua História*, de 1964:

“Do século XII até hoje – que caminhada! Ao longo dos séculos os homens tiraram dessas serras o pão, desbravaram matagais, derrubaram florestas, ergueram habitações e capelas, construíram pontes, abriram estradas, introduziram novas culturas. O progresso é indiscutível. Se hoje cá viessem o Osório Rodrigues e o Cadafa dificilmente acreditariam que estes eram os sítios da sua herdade.

Mas sob outro aspecto, o contraste não parece tão nítido. Voltemos aos primeiros séculos.

Cultivam-se na região cereais: trigo, milho miúdo, cevada. Produzem-se legumes. Criam-se animais. A falta de água preocupava como hoje: em 1222 o mosteiro de Santa Cruz para fixar os povoadores na sua herdade de Rascavelhas, perto do Alvorge, promete aí fazer um poço ou depósito, do qual possam eles e seus animais obter água; no documento estipula-se a obrigação dos seus povoadores ajudarem a obra tanto quanto puderem.

De longe chegavam à região o pescado e o sal. No século XV fazia-se uma feira na Mouta Santa.

Um viver pobre, certamente como o de hoje, ou talvez menos que o de hoje. Então, pouca gente; hoje, muita gente. E a terra, sempre a mesma, dando pão, pouco pão – e só a troco de muito suor. Ela que foi e é tão profundamente amada!

Nem sei mesmo se o homem destas terras será hoje mais feliz que o seu antepassado do século XII. Quando o vejo mourejando para arrancar das pedras o sustento de cada dia, ocorre-me às vezes comparar o seu viver com, por exemplo, o de Bermudo e Pelágio de Todos e suas mulheres Adosinda e Elvira que, pelo ano de 1148, se dedicavam à caça, talvez do javali, talvez como actividade predominante, nos montes de Façalamim e Soucide, aqui a dois passos.

É o homem de hoje mais feliz? Não sei. Nem interessa saber. O que importa é elevar o seu nível de vida, acabar com sua infelicidade ou aumentar a sua pequena felicidade”.

Enquanto busca entender e explicar o mundo, o objectivo da história é ser útil à humanidade, ensinar ao homem algo em relação a si mesmo, entender e transformar o mundo dos homens. Salvador Dias Arnaut defendia que “O triunfo de um agregado só pode conseguir-se plenamente se todos o quiserem: o todo depende das partes. Ao que o interesse social aconselha devem dedicar-se todas as energias”.

Assumia-o claramente, em *Penela. Notas de um centenário* ou *Penela na obra de dois escritores: Fernão Lopes e Eloy de Miranda*:

“Ah, como me parece que de tudo isto ressalta uma forma de bem servirmos a nossa terra! Tomarmos plena consciência das suas belezas, valorizarmo-las, atrairmos gentes que as venham ver. Nunca esquecendo que Penela tem um notável passado, que é preciso ensinar, divulgar – algumas vezes para ela própria ser compreendida e sempre para se aumentar o seu poder de sedução (1966: 31).

E, noutro escrito, acrescentava:

“A nossa terra merece todos os sacrifícios! No dia de hoje evocam-se os homens desvelados que fizeram por ela. Desde Sesnando, desde Afonso Henriques até agora. Quantos que trabalharam a bem da vila e seu alfoz! Quantos filhos ilustres de Penela! Eles de além-túmulo ordenam-nos que não só saibamos fazer tanto como fizeram, mas procuremos, também, sempre fazer mais”.

Salvador Dias Arnaut foi um desses filhos ilustres de Penela que trabalhou a bem da vila e que sempre estimulou e – por via dos seus escritos – estimulará a fazer-se mais e mais.

Foi justamente por esta razão que, há dois anos atrás na evocação que fiz neste Centro de Estudos, lancei ao Eng.º Paulo Júlio, então Presidente da Câmara de Penela, um desafio que, apesar dos constrangimentos económicos a que estava obrigado, acreditei convictamente que lhe daria resposta, assim honrando, em 1.º lugar, a memória de Salvador Dias Arnaut, mas também este Centro – que é ou se tornou, no fundo, uma “instituição de memória” – e, enfim, o município de Penela. O repto que então lhe deixei, em nota final, foi que fizesse reunir em livro os vários trabalhos de História Local publicados por Salvador Dias Arnaut. Assim contribuiria para revalorizar o passado da região de Penela e colaboraria na produção da memória e da identidade do futuro. A obra historiográfica deste penelense que foi Salvador Dias Arnaut sobre Ladeia, Penela, Germanelo, Rabaçal e Ansião faz já parte, também ela, do próprio património desta região. Cultura e prazer surgem nela de mãos dadas – ao mesmo tempo que proporciona o conhecimento, torna-o acessível, oferecendo verdadeiras visitas culturais, autênticas reportagens fotográficas, assim servindo a compreensão e a preservação dos valores culturais que são a marca da identidade

Grande foi o contentamento que senti, ao chegar ao átrio dos Paços do Concelho de Penela e ver expostos, sobre uma mesa, vários exemplares da obra *Ladeia e Ladera*⁹. A Câmara Municipal de Penela começara a dar cumprimento ao repto que lancei, reeditando, justamente, a obra mais emblemática de história local de Salvador Dias Arnaut¹⁰.

Boa forma de homenagear o Homem e o Historiador por ocasião do centenário do seu nascimento!

É, ainda e tão-só, uma pequena parte da sua obra historiográfica sobre História Local! É, porém, um feliz começo a que, seguramente, irão dar continuidade! Com a mesma emoção e sensibilidade com que Salvador Dias Arnaut sempre falou e ouviu os penelenses, procurando despertar-lhes para a percepção do outro e do mundo e ... para a construção de uma cidadania crítica.

⁹ Republicação em fac-símile de *Ladeia e Ladera. Subsídios para o estudo do feito de Ourique*. Pena que não lhe tivessem, também, apensado o texto que publicou, posteriormente, sobre o mesmo assunto: *Novas achegas para a história da Ladeia*.

¹⁰ Em marcador inserido na obra, registou Jorge Alarcão o seguinte parecer: “Primeiro trabalho de tomo de Salvador Dias Arnaut, *Ladeia e Ladera* (1939) logo firmou o autor como excelente historiador. Se o objecto de estudo foi uma reduzida área na sua maior parte pertencente ao actual concelho de Penela, a região da Ladeia foi perspectivada no contexto da Reconquista e o estudo assumiu, assim, interesse nacional. A sua reimpressão é mais do que uma homenagem póstuma ao autor, pois proporciona acesso fácil a uma obra que permanece válida mas é hoje uma raridade bibliográfica”. Este historiador debruçou-se, atenta e cuidadosamente sobre esta obra, tendo concluído que ela “mantém a sua actualidade e interesse”, não se tendo conseguido, ainda hoje, dar resposta a algumas das dúvidas e incertezas com que se debateu Salvador Dias Arnaut (nomeadamente a data do foral de Germanelo e as dúvidas sobre limites de concelhos e herdades). Veja, neste livro, Jorge Alarcão, *As Terras da Ladeia*.

BIBLIOGRAFIA

Bibliography

FONTES MANUSCRITAS

COIMBRA

Arquivo Histórico Municipal de Coimbra

– *Provisões e Capítulos das Cortes (1462-1660).*

Arquivo da Universidade de Coimbra

– *Fundo Joaquim Lopes Praça – Morgadio dos Garridos, Livro Mestre da Casa dos Garridos (178?-1822).*

– *Governo Civil. Assistência e Saúde Pública. Epidemias: [1832]-1855.*

– *Governo Civil. Cadernos Eleitorais. Penela. 1841-1858.*

– *Governo Civil. Cadernos eleitorais. Penela. 1843.*

– *Governo Civil. Indústria. Licenças.*

– *Governo Civil. Municípios. Receitas e Despesas. Câmara Municipal de Penela, 1841-1890.*

– *Governo Civil. Orçamentos de Confrarias. Penela (1852-1883).*

– *Registos Paroquiais de Coimbra, freguesia de Miranda do Corvo. Casamentos. 1719-1783*

– *Registos Paroquiais. Registos de Casamentos, freguesia de São Miguel de Penela.*

– *Registos Paroquiais. Registos de Óbitos, freguesia de São Miguel de Penela.*

– *Registos paroquiais de Montemor-o-Velho, freguesia da Carapinheira.*

– *Registos Notariais de Coimbra.*

– *Registos notariais de Penela.*

LISBOA

Academia das Ciências de Lisboa

– *Historia Manlianense, Cronologica, Epithomatica, Bellica, Genealogica, e Panegyrica na qual a curiosidade decifrará successos que admiram*

progressos que assombram e dezenganos que aproveitam. Por Antonio Correa da Fonseca e Andrade – Rellação em summa da forma em que a Caza de Aveyro se administrava no tempo em que se achava em sequestro pella abzencia do duque D. Raymundo e pondose em administração por falecimento do duque D. Pedro inquisidor geral a forma em que se administrou athe o prezente com a noticia das rendas que tem, e dos officios da arrecadação da fazenda, e alguns de justiça que são pagos pella caza.

Biblioteca da Ajuda

– *Livro das avvaliaçõis de todos os offiçios do reino de Portugal. Anno 1640.*

Arquivo Nacional Torre do Tombo

- *Chancelaria de D. Afonso VI. Doações offiçios e mercês.*
- *Chancelaria de D. João III. Doações, offiçios e mercês.*
- *Chancelaria de D. João V. Doações, offiçios e mercês.*
- *Chancelaria de D. Manuel.*
- *Chancelaria de D. Pedro II. Doações, offiçios e mercês.*
- *Chancelaria de D. Sebastião e D. Henrique. Doações, offiçios e mercês.*
- *Chancelaria-mor da Corte e Reino. Livro 14.*
- *Confirmações Gerais.*
- *Feitos Findos. Casa da Suplicação.*
- *Habilitações para Familiar do Santo Officio.*
- *Ordem de Santiago e Convento de Palmela.*
- *Registo Geral de Mercês. D. Pedro II, D. José I, D. Maria I, D. João VI e D. Luís I.*

MONTEMOR-O-VELHO

Arquivo Municipal de Montemor-o-Velho

- *Livro das Avaliações dos Offiçios, Alcaydarias môres, & Capellas da Ouvedoria de Monte-mor o Velho e Villas ãnexas á sua jurisdição. Feyto por ordem de Sua Magestade por Lourenço Pirez Carvalho do seu Conselho, seu Sumilher de Cortina, Deputado da Meza da Consciencia, e Ordens, e da Junta dos Tres Estados. Escripto por Francisco Tinoco da Sylva. Anno 1691.*

PENELA

Centro de Estudo de História Local e Regional Salvador Dias Arnaut

– *Livros de Actas de Sessões da Câmara*

PORTO

Arquivo Distrital do Porto

– *Registos Paroquiais do Porto. Registos de casamento, freguesia de Santo Ildefonso.*

SETÚBAL

Arquivo Distrital de Setúbal

– *Registos Paroquiais*

FONTES IMPRESSAS

ANDRADE, Agostinho Rodrigues de (1896) – *Chorographia historico-estatística do districto de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

Chancelaria de D. Afonso III. Livro I, Vol. I. (Publicado por VENTURA, Leontina e OLIVEIRA, António Resende de). Coimbra: Imprensa da Universidade, 2006.

DIAS, Luiz Fernando de Carvalho (1962) – *Forais Manuelinos do Reino de Portugal e do Algarve conforme o exemplar do Arquivo Nacional da Torre do Tombo de Lisboa*, Estremadura. Beja: Edição do Autor.

DR = *Documentos medievais portugueses. Documentos régios*, 2 vols. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1958 e 1962.

DR = *Documentos Medievais Portugueses. Documentos Régios, vol. I, Documentos dos Condes Portucalenses e de D. Afonso Henriques*. A. D. 1095-1185, t. I. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1958.

DS = AZEVEDO, Rui de; COSTA, Avelino de Jesus da; PEREIRA, Marcelino Rodrigues, *Documentos de D. Sancho (1174-1211)*. Coimbra: Centro de História da Universidade de Coimbra, 1979.

GAIO, Felgueiras (1939) – *Nobiliário de Famílias de Portugal*. Volumes XI e XIX. Braga: Pax.

- GOMES, Saul António (1988) – *Documentos medievais de Santa Cruz de Coimbra*. I. Arquivo nacional da Torre do Tombo. Separata de *Estudos Medievais*.
- Inventário do acervo documental do morgado da Aveleda* (2011) – Penafiel: Arquivo Municipal de Penafiel/Câmara Municipal de Penafiel.
- Leges = Portugaliae Monumenta Historica. Leges*. Lisboa: Academia das Ciências, 1856.
- LP = Livro Preto. Cartulário da Sé de Coimbra*. Edição crítica. Texto integral (Direcção e coordenação editorial de RODRIGUES, Manuel Augusto. Direcção científica de COSTA, Avelino de Jesus da). Coimbra: Arquivo da Universidade.
- LS = Livro Santo de Santa Cruz. Cartulário do séc. XII*. Edição de VENTURA, Leontina e FARIA, Ana Santiago. Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, 1990.
- PORTUGAL, Tomás António de Vila-Nova (1991) – “Memória sobre a preferência que entre nós merece o estabelecimento dos mercados ao uso das feiras de ano para o comércio intrínseco”. In *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa (1789-1815)*. Lisboa: Banco de Portugal. Tomo II, pp. 3-12.
- SECO, Antonio Luiz de Sousa Henriques (1853) – *Memoria historico-chorographica dos diversos concelhos do districto administrativo de Coimbra*. Coimbra: Na Imprensa da Universidade.
- Scriptores = Portugaliae Monumenta Historica. Scriptores*. Lisboa: Academia das Ciências, 1856.
- SOUSA, António Caetano de (1747) – *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*. Tomo XII, Parte I. Lisboa: Na Regia Officina Sylviana.
- SOUSA, António Caetano de (1748) – *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*. Tomo XI. Lisboa: Na Regia Officina Sylviana
- TEP = Testamenti Ecclesiae Portugaliae (1071-1325)*. Coord. de MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2010.
- VENTURA, Leontina e FARIA, Ana Santiago (1990). *Vid. LS*.
- VENTURA, Leontina e MATOS, João da Cunha (2010) – *Diplomatário da Sé de Viseu (1078-1278)*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

ESTUDOS

- ALARCÃO, Jorge de (1999) – *Conimbriga. O chão escutado*. Lisboa: Edicarte.
- ALARCÃO, Jorge de (2008) – *Coimbra. A montagem do cenário urbano*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- ALARCÃO, Jorge de (2012) – *As pontes de Coimbra que se afogaram no rio*. Coimbra: Ordem dos Engenheiros.
- ALARCÃO, Jorge de (2013) – “Percursos de Ibn Maruán”. *Portugália*, nova série, 34, Porto, pp. 143-155.
- ALMEIDA, Luis Ferrand de (1996) – “Notas sobre a obra historiográfica do Doutor Salvador Dias Arnaut”. *Revista Portuguesa de História*, 31, vol. I, Coimbra, pp. 31-45.
- AMARAL, Luís Carlos e BARROCA, Mário Jorge (2012) – *A condessa-rainha Teresa*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- ARNAUT, Salvador Dias (1934) – “Arqueologia: pedras velhas”. *Gazeta de Coimbra*, 23 (3163) de 20 de Março, p. 5.
- ARNAUT, Salvador Dias (1937) – *Penela. Notas acêrca dum centenário*. Coimbra: Atlântida Livraria Editora.
- ARNAUT, Salvador Dias (1939) – *Ladeia e Ladera. Subsídios para o estudo do feito de Ourique*. Coimbra: Gráfica de Coimbra (com edição fac-similada em 2013 por Palimage: Coimbra e Centro de Estudos de História Local e Regional Salvador Dias Arnaut: Penela).
- ARNAUT, Salvador Dias (1955) – *Região do Rabaçal: a terra e o homem*. Coimbra: U.C. Separata de *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, 6-7, pp. 1-23.
- ARNAUT, Salvador Dias (1957) – “Novas achegas para a história da Ladeia”. *Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. XXIII Congresso Luso-Espanhol*. Tomo VII, pp. 371-373.
- ARNAUT, Salvador Dias (1964) – *Ansião. Um pouco da sua história*. Lisboa: Gráfitécnica de José Faria Miranda.
- ARNAUT, Salvador Dias (1966) – *Penela na obra de dois escritores: Fernão Lopes e Eloy de Sá Sotto Maior*. Penela: Câmara Municipal.
- ARNAUT, Salvador Dias (1982) – “O castelo do Germanelo”. *Anais da Academia Portuguesa da História*, 2ª Série, 28, Lisboa, pp. 233-256.

- ARNAUT, Salvador Dias (1993) – “O infante D. Pedro, senhor de Penela”. *Biblos*, 69, pp. 173-217.
- ARNAUT, Salvador Dias; DIAS, Pedro (1983) – *Penela. História e arte*. Penela: Câmara Municipal de Penela.
- ARRUDA, Ana Margarida (2002) – “Los Fenícios en Portugal. Fenícios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)”. *Cuadernos de Arqueologia Mediterránea*, 5-6 (1999-2000). Barcelona: Universidad de Pompeu Fabra de Barcelona.
- AZEVEDO, Rui de (1937) – “Período de formação territorial”. In BAIÃO, António, CIDADE, Hernâni e MÚRIAS, Manuel, *História da Expansão Portuguesa no Mundo*. Lisboa: Editorial Ática, pp. 7-64.
- BARROCA, Mário Jorge (1996-1997) – “A Ordem do Templo e a arquitectura militar portuguesa do século XII”. *Portugália*, nova série, 17-18, Porto, pp. 171-209.
- BITTEL, K. [et al] (1968) – *Studien zu den Anfängen der Metallurgie*, Band 2, Teil 3, Gebr. Mann Verlag, Berlin.
- BRÁSIO, António (1975) – *Arcediagado de Penela*. Separata das Actas do Colóquio: papel das áreas regionais na formação histórica de Portugal. Lisboa: Academia Portuguesa da História.
- CAPELO, Ludovina Cartaxo (1999-2000) – “Catálogo do registo vincular do distrito de Coimbra”. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 19-20, pp. 211-240.
- CARDOSO, Carlos Alberto Lopes (1972) – “Dona Ana Joaquina dos Santos Silva industrial angolana da segunda metade do século XIX. Luanda”. *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Luanda*, 37, pp. 5-14.
- CASCÃO, Rui (1978) – *Aspectos sociais e económicos do concelho de Arganil na segunda metade do século XIX*. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra. Separata do *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 4, Coimbra, pp. 1-37.
- CASCÃO, Rui (1996) – “A mobilidade geográfica nos finais do Antigo Regime (1823-1834) – o caso do concelho de Penela”. *Revista Portuguesa de História*, 31, II, pp. 383-410.
- CASCÃO, Rui de Ascensão Ferreira (1998) – “Antroponímia, genealogia e história. Um estudo de caso: a família Arnaut”. In *‘Na morte de um*

- homem bom'*: homenagem ao Professor Salvador Dias Arnaut. Coimbra; Figueira da Foz: Centro de Estudos do Mar, pp. 118-146.
- CASTRO, Francisco Cyrne de (1970) – “Garridos e Melos Coutinhos”. *Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris*. Ano XV, 51, pp. 12-16.
- CASTRO, Maria João Padez de (2001-2002) – “Catálogo do Arquivo do Morgado dos Garridos”. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*. 21-22, pp. 445-480.
- CHORÃO, Maria José Bigotte (1990) – *Os Forais de D. Manuel. 1496-1520*. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
- CLARENCE-SMITH, Gervase (1990) – *O Terceiro Império Português (1825-1975)*. Lisboa: Teorema.
- COELHO, Maria Helena da Cruz (1982) – “O senhorio crúzio do Alvorge na centúria de Trezentos”. In *Estudos de História de Portugal. Homenagem a A. H. de Oliveira Marques*, vol I, Lisboa: Editorial Estampa, pp. 177-240.
- COELHO, Maria Helena da Cruz (1989) – *O Baixo Mondego nos finais da Idade Média*, 2 vols. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- COELHO, Maria Helena da Cruz (1998) – “O Infante D. Pedro, duque de Coimbra”. *Biblos*, 69, Coimbra, pp. 15-57.
- COELHO, Maria Helena da Cruz (2007) – *Foral de D. Manuel I a Santarém*. Santarém: Câmara Municipal de Santarém.
- COELHO, Maria Helena da Cruz (2013) – *O Município de Coimbra. Monumentos Fundacionais*. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra-Imprensa da Universidade de Coimbra.
- COELHO, Maria Helena da Cruz e GOMES, Saul António (2015) – *Esgueira: 500 anos do foral manuelino*. Aveiro: Junta de Freguesia de Esgueira – Câmara Municipal de Aveiro.
- COELHO, Maria Helena da Cruz e GOMES, Saul António (2015) – *O foral de D. Manuel a Aveiro: uma memória de 500 anos*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro.
- COELHO, Maria Helena da Cruz e MAGALHÃES, Joaquim Romero (1986) – *O poder concelhio: das origens às Cortes Constituintes*. Coimbra: Centro de Estudos de Formação Autárquica.
- COELHO, Maria Helena da Cruz e MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa (1999) – *Forais e Foros da Guarda*. Guarda: Câmara Municipal da Guarda.

- COFFYN, A. (1985) – *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Paris: Diffusion de Bocard, Publ. Centre Pierre Paris, 11, col. Maison Pays Ibériques, 20.
- CONDE, Manuel Sílvio Alves (2000) – “Uma paisagem humanizada. O Médio Tejo nos finais da Idade Média”. Cascais: *Patrimonia*.
- CORREIA, Vergílio; GONÇALVES, A. Nogueira (1952) – *Inventário artístico de Portugal. Distrito de Coimbra*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.
- CORREIA, Virgílio (1993) – “Os materiais pré-romanos de Conímbriga e a presença fenícia no Baixo vale do Mondego”, *Estudos Orientais*. Lisboa, IV, pp. 229-283.
- COSTA, Avelino de Jesus da (1984) – “D. João Peculiar co-fundador do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, bispo do Porto e arcebispo de Braga”. In *Santa Cruz de Coimbra do século XI ao século XX. Estudos*. Coimbra: [Comissão Executiva do IX Centenário do Nascimento de S. Teotónio], pp. 59-83.
- COSTA, João Paulo Oliveira (2005) – *D. Manuel I. 1469-1521. Um príncipe do Renascimento*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- COSTA, Leonor Freire, LAINS, Pedro, MIRANDA, Susana Munch (2011) – *História Económica de Portugal (1143-2010)*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- COUTINHO, José Eduardo Reis (1986) – *Ansião. Perspectiva global da arqueologia, história e arte da vila e do concelho*. Coimbra, [s. n.].
- COUTINHO, José Eduardo Reis (1989) – “Façalamim”. *Munda*, 18, pp. 77-85.
- COUTINHO, José Eduardo Reis (1994) – “Monte Figueiró”. In *Idade do Ferro – Catálogo*. Câmara Municipal da Figueira da Foz, Serviços Culturais/Museu, pp. 113-115.
- COUTINHO, José Eduardo Reis (1999) – *Idade do Ferro e Romanização no Monte Figueiró: perspectivas e problemas existentes*. Coimbra: Instituto de Arqueologia (policopiado).
- CRAVO, Manuel Bernardo Pereira Vieira Nunes (2010) – *Estudo arqueológico do território compreendido entre Aljazede/Ateanha, Chão de Ourique/Póvoa e vale do rio Dueça. Evolução entre a época romana e*

- alto-medieval* (Tese de mestrado, policopiada, apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra).
- CUNHA, Eugénia. (coord.) (2008) – *Intervenção de Antropologia Biológica: Gruta do Algarinho (Santa Eufémia, Penela, Coimbra)*. Coimbra (relatório policopiado).
- CUNHA, Lúcio (1990) – *As serras calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere. Estudo de geomorfologia*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- CUNHA, Mafalda Soares da (2000) – *A Casa de Bragança, 1560-1640. Práticas senhoriais e redes clientelares*. Lisboa: Estampa.
- CUNHA, Mafalda Soares da (2012) – “O provimento de ofícios menores nas terras senhoriais. A Casa de Bragança nos séculos XVI-XVII”. In STUMPF, Roberta e CHATURVEDULA, Nandini (orgs.) – *Cargos e ofícios nas monarquias ibéricas: provimento, controlo e venalidade (séculos XVII e XVIII)*. Lisboa: Centro de História Além-Mar.
- CUNHA, Mafalda Soares da e FONSECA, Teresa (2005) – *Os Municípios no Portugal Moderna. Dos forais manuelinos às reformas liberais*. Évora: Colibri.
- DAVEAU, Suzanne (1988) – “A estrada coimbrã – o traçado pela serra de Ansião”. In *Estudos e ensaios em homenagem a Vitorino Magalhães Godinho*. Lisboa: Sá da Costa, pp. 451-461.
- DEMANGEON, Albert (1943) – *Problèmes de Géographie Humaine*. Paris: Armand Colin.
- DIAS, João José Alves (2014) – “A assinatura régia: a tinta-ouro escreve o rei”. *Fragmenta Historica. Revista do Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa*, 2, pp. 7-9.
- DÍAZ RODRÍGUEZ, J. – “El precio del nepotismo. Coadjutoría y resigna en las catedrales andaluzas (ss. XVI-XVIII)”. *Chronica Nova*, 35, pp. 287-309.
- DINIS, Júlio (1986) – *A Morgadinha dos Canaviais. Romance*. Porto: Porto Editora. [A 1.^a edição é de 1868].
- DINIS, Maria José (1961) – *O mosteiro de S. Jorge. Subsídios para a sua história nos séculos XII e XIII* (Tese de licenciatura, policopiada, apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra).

- DIONÍSIO, Sant' Anna (1993) – “Penela”. In *Guia de Portugal*. 3.º vol. *Beira*. I. *Beira Litoral*. Coord. Sant' Anna Dionísio. 3.ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 359-364.
- DOMINGUES, José e PINTO, Pedro Pinto (2015) – “O ‘foral velho’ da vila de Aveiro de 1342”, *e-Slegal History Review*, 20, pp. 1-26.
- DUARTE, Luís Miguel (2002/2003) – “Os ‘Forais novos’: uma realidade falhada?”. *Revista Portuguesa de História*, 36, vol. 1, pp. 391-404.
- DUPÂQUIER, Jacques (1979) – “L’analyse statistique des crises de mortalité”. In *The great mortalities. Methodological studies of demographic crises in the past / Les grandes mortalités. Étude méthodologique des crises démographiques du passé*. Liège: Ordina Editions, pp. 83-112.
- ENCARNAÇÃO, Tomás da (1762) – *Historia Ecclesiae Lusitaniae, III*. Coimbra: Academia Pontificia.
- ENGELN, Theo [et al.] (2004) – “The family strategies concept: An evaluation of four empirical case studies”. *History of the Family*, 9, pp. 239-251.
- FÉLIX, Paulo (2006) – “O final da Idade do Bronze e os inícios da Idade do Ferro no Ribatejo Norte (Centro de Portugal): uma breve síntese dos dados arqueográficos”. *Conimbriga*, XL, pp. 65-92.
- FIGUEIREDO, E. [et al.] (2011) – “A ponta de lança da Gruta da Nascente do Algarinho (Penela) no contexto da metalurgia do Bronze Final”. *Actas do Encontro Internacional sobre Ciências e Novas Tecnologias aplicadas à Arqueologia na villa romana do Rabaçal, Penela, Terras de Sicó, Portugal*. Penela: Câmara Municipal de Penela, pp. 41-49.
- FIGUEIRÔA-RÊGO, João de (2011) – “A honra alheia por um fio”. In *Os estatutos de limpeza de sangue nos espaços de expressão ibérica (sécs. XVI-XVIII)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- FONSECA, Fernando Taveira da (2005) – *O Poder Local em Tempo de Globalização: uma história e um futuro*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- FREIRE, A. Braamcamp (1908) – “Povoação da Estremadura no Século XVI”. *Archivo Historico Portuguez*, vol. VI, pp. 241-284.
- FREIRE, Anselmo Brancaamp (1921) – *Brasões da Sala de Sintra*. Vol. I. Coimbra: Imprensa da Universidade.

- GARCIA, José Manuel (2009) – *Os Forais Novos do reinado de D. Manuel*. Coleção do Banco de Portugal. Lisboa: Banco de Portugal.
- GOMES, Saul António (2004) – *Introdução à História do Castelo de Leiria*. 2.^a ed. revista e ampliada. Leiria: Câmara Municipal.
- HESPANHA, António Manuel (1994) – *As Vésperas do Leviathan. Instituições e poder político. Portugal – séc. XVII*. Coimbra: Almedina.
- HESPANHA, António Manuel (2001) – “O Foral Novo de Évora no contexto da reforma dos forais de D. Manuel I”. In *Foral Manuelino de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora-Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 41-65.
- HOUAISS = *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002.
- JARNAUT (1915) – *Monografia do município penelense. Narração dos factos aqui decorridos desde os tempos primitivos até 1910*. Lousã: Ed. Autor.
- JARNAUT (1915) – *Monografia do Município Penelense*. Penela: Ed. João Pedro A.
- JOSÉ, C. E. S. (2013) – *Análise e problematização de um conjunto de fibulas da I Idade do Ferro do Monte de Trás de Figueiró (Ansião, Leiria)*. Coimbra: FLUC (trabalho policopiado).
- LACERDA, Silvestre (coord) (2013) – *O foral Novo. Registos que contam histórias*. Lisboa: Direcção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas/Arquivo Nacional da Torre do Tombo/Fundação da Casa de Bragança.
- LARCHER, Tito de Sousa (1930) – “O fossado de Ladera”. *Portucale*, 3, Porto, pp. 362-363.
- LOPES, Maria Antónia (2011) – “Instituições de piedade e beneficência do distrito de Coimbra na década de 1870”. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 11, pp. 317-358.
- LOPES, Maria Antónia (2013) – *D. Fernando II*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- LOPO, Júlio de Castro (1948) – “Um rica dona de Luanda”. *Portucale*. 3. pp. 129-138.
- LOUREIRO, Guilherme Maia de (2015) – *Estratificação e Mobilidade Social no Antigo Regime em Portugal (1640-1820)*. Lisboa: Guarda-Mor.

- LOURENÇO, Maria Paula Marçal (1999) – *Casa, Corte e Património das Rainhas de Portugal (1640-1754). Poderes, Instituições e Relações Sociais*. 5 Volumes. Lisboa: Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MACHADO, José Pedro (1993) – *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- MACHADO, Pedro da França (2004) – “A Quinta da Chaqueda, de São Miguel de Penela. Percurso senhorial de um assento, dos sécs. XVII-XIX”. *Munda*, 48, pp. 59-68.
- MAGALHÃES, Joaquim Romero (1993) – *O Algarve económico, 1600-1773*. Lisboa: Estampa.
- MANTAS, Vasco Gil (1985) – “Dois novos miliários do território de Conimbriga”. *Biblos*, 61, pp. 159-179.
- MANTAS, Vasco Gil (1996) – *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*. Coimbra: Universidade de Coimbra (dissertação de doutoramento, policopiada).
- MARQUES, João Pedro (1999) – *Os Sons do silêncio: o Portugal de Oitocentos e a abolição do tráfico de escravos*. Lisboa: ICS.
- MARTINS, Alcina Manuela de Oliveira e MATA, Joel Silva Ferreira (1989) – “Os Forais Manuelinos da Comarca da Estremadura”. *Revista de Ciências Históricas*, 4, Porto, pp. 125-222.
- MATA, Cristóvão (2014) – *O poder local em Penela (1640-1834)*. Coimbra: Palimage.
- MATOS, João da Cunha (1998) – *A Colegiada de São Cristóvão de Coimbra (sécs. XII e XIII)*. Tomar (Tese policopiada apresentada ao Instituto Politécnico de Tomar).
- MATTOSO, José (1993) – *História de Portugal. Vol II. A monarquia feudal (1096-1480)*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- MATTOSO, José (2006) – *D. Afonso Henriques*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- MENESES, Alberto Carlos (1825) – *Plano de Reforma de Foraes e Direitos Bannaes*. Lisboa: Impressão Régia.
- MONTEIRO, Nuno Gonçalo (1962) – “Forais Manuelinos”. In *Forais Manuelinos*. Beira, ed. de Luiz Fernando de Carvalho Dias, pp. I-IV.
- MONTEIRO, Nuno Gonçalo (1998) – *O crepúsculo dos Grandes, (1750-1832)*. Lisboa: INCM.

- MONTEIRO, Nuno Gonçalo (1998) – “A sociedade local e os seus protagonistas”. In OLIVEIRA, César (coord.) – *História dos Municípios e do Poder Local*. Lisboa: Temas & Debates.
- MONTEIRO, Nuno Gonçalo (2011) – “Casa, casamento e nome: fragmentos sobre as relações familiares e indivíduos”. In *História da vida privada em Portugal*, dir. de José Mattoso. *A Idade Moderna*. Lisboa: Temas e Debates/Círculo dos Leitores.
- MOTA, Guilhermina (1990) – *Estruturas familiares no mundo rural. Grupos domésticos no bispado de Coimbra em 1801*. Coimbra. Separata da *Revista Portuguesa de História*, 24 (1989). Coimbra, pp. 1-66.
- MOTA, Guilhermina (2000) – *Notas para o estudo da família em Penela no século XIX*. Separata de *A cidade e o campo. Colectânea de estudos*. Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura, pp. 291-298.
- NASCIMENTO, Aires A. (1998) – *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra. Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de Martinho de Soure* (edição crítica de textos latinos, tradução, estudo introdutório e notas de comentário). Lisboa: Edições Colibri.
- NETO, Margarida Sobral (1993) – “A persistência senhorial”. In *História de Portugal*, MATOSO, José (dir), vol. 3, MAGALHÃES, Joaquim Romero (coord.) – *No Alvorecer da Modernidade (1480-1620)*. Lisboa: Editorial Estampa, pp. 165-193.
- NUNES, Ana Sílvia Albuquerque (2009) – *Municipalismo e sociedade do Porto. De Pombal às Invasões Francesas*, Porto: GEHVID/Instituto de Genealogia e Heráldica da Universidade Lusófona do Porto.
- OLIVAL, Fernanda (2001) – *As Ordens Militares e o Estado Moderno: honra, mercê e venalidade em Portugal (1641-1789)*. Lisboa: Estar.
- OLIVAL, Fernanda (2004) – “Rigor e interesses: os estatutos de limpeza de sangue em Portugal”. *Cadernos de estudos sefarditas*, 2004, pp. 154-182.
- OLIVAL, Fernanda (2011) – “Economía de la merced y venalidad en Portugal (siglos XVII y XVIII)”. In ANDÚJAR CASTILLO, Francisco e FELICES DE LA FUENTE, María del Mar (eds.) – *El Poder del Dinero. Ventas de cargos y honores en el Antiguo Régimen*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.

- OLIVEIRA, António de (1991) – *Poder e Oposição Política em Portugal no Período Filipino (1580-1640)*. Lisboa: Difel.
- OLIVEIRA, António de (1985) – “Salvador Dias Arnaut (1913-1995). Notícia da jubilação universitária”. *Revista Portuguesa de História*, 22, pp. 201-206.
- OLIVEIRA, António de (1994) – “Salvador Dias Arnaut (1913-1995). Notícia da jubilação universitária”. *Biblos*, 70, pp. 642-647.
- OLIVEIRA, António de (2002) – “A Modos de Prefácio”. In *Movimentos Sociais e Poder em Portugal no Século XVII*. Coimbra: IHES/FLUC.
- OLIVEIRA, António de (2010) – “Problemática da História Local”. In *Pedaços de História Local*. Coimbra: Palimage, vol. I.
- OLIVEIRA, António de (2013) – “Salvador Dias Arnaut (1913-1995). Notícia da jubilação universitária”. In *Antiquarismo e História*. Coimbra: Palimage, pp. 303-308.
- OLIVEIRA, António de (2013) – “Seis décadas de História na Faculdade de Letras de Coimbra”: In *Antiquarismo e História*. Coimbra: Palimage, pp. 201-284.
- OLIVEIRA, César (1996) – *História dos Municípios e do Poder Local*. Lisboa: Temas & Debates.
- OLIVEIRA, Delfim José de (1884) – *Notícias de Penella. Apontamentos históricos e archeologicos*. Lisboa: Typ. da Casa Minerva.
- OLIVEIRA, Delfim José de (1890) – *Supplemento ás Notícias de Penella*. Porto: Typ. Cruz Coutinho.
- OLIVIER, Laurent (2008) – *Le Sombre Abîme du temps. Mémoire et archeology*. Paris: Éditions du Seuil.
- PEREIRA, Joaquim Tomaz Miguel (1996) – “Bibliografia do Prof. Doutor Salvador Arnaut”. *Revista Portuguesa de História*, 31. Homenagem ao Doutor Salvador Dias Arnaut, I, pp. 9-30.
- PESSOA, Miguel (2003) – “Uma ponta de lança do Bronze Final”. *Actas do IV Congresso Nacional de Espeleologia (NEL/FPE)*. Leiria, pp. 124-127.
- PIMENTA, Fernando Tavares (2009) – *Soure. Família, matrimónio e sociedade*. Coimbra: Areias do Tempo.
- RAU, Virgínia (1982) – *Feiras medievais portuguesas. Subsídios para o seu estudo*. Lisboa: Editorial Presença.

- RIBEIRO, Ana Isabel Ribeiro (2013) – “O património da fidalguia da região de Coimbra – o caso da família Garrido (século XVIII)”. *Revista Portuguesa de História*, 44. pp. 337-368.
- RIBEIRO, Orlando (1949) – *Le Portugal Central (livret-guide de l’excursion C)*. Lisbonne: Union Géographique Internationale.
- RODRIGUES, Alice Correia Godinho; RODRIGUES, Manuel Augusto (1982) – “O Convento de Santo António de Penela. O inventário dos seus bens ao tempo da sua extinção (1834)”. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 4, pp. 85-129.
- RODRIGUES, José Damião (2003) – *São Miguel no século XVIII: casa, elites e poder*. 2 volumes. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- RODRIGUES, Mário Rui Simões e GOMES, Saul António (2012) – *Notícias e memórias paroquiais setecentistas. 10. Ansião*. Coimbra: Palimage.
- ROQUE, João Lourenço (1977) – *Alguns aspectos da criminalidade no distrito de Coimbra nos anos de 1841 a 1844*. Separata do Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra, 3, pp. 119-160.
- ROQUE, João Lourenço (1982) – *Classes populares no distrito de Coimbra no século XIX (1830-1870). Contributo para o seu estudo*. 2 tomos. Coimbra (Dissertação de doutoramento, policopiada, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra).
- ROQUE, João Lourenço (1985) – *Subsídios para o estudo da «revolta» em Portugal no século XIX. Alguns exemplos de motins (e outras acções de grupo) na região de Coimbra (1840-1860)*. Separata da *Revista de História das Ideias*, 7, pp. 243-280.
- ROQUE, João Lourenço (1988) – *A população da freguesia da Sé de Coimbra (1820-1849). Breve estudo socio-demográfico*. Coimbra: Faculdade de Letras.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, Marisa (1984) – *La Península Ibérica y sus relaciones con el círculo cultural atlántico*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid.
- SARMENTO, Francisco Martins (1933) – “A argola encontrada em Penela”. In *Dispersos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. 282-287.
- SIDARUS, Adel (1991) – “Amaia de Ibn Maruán: Marvão”. *Ibn Maruán*, 1, Marvão, pp. 13-26.

- SILVA, José Possidónio da (1883) – “Grande argola de ouro achada em Portugal na provincial da Extremadura em 1883”. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, 2.^a série, IV, pp. 62-63.
- SILVA, Marcos Osório e SALGUEIRO, Pedro (1991) – *Levantamento Arqueológico do Concelho de Penela*, 2 vols. Coimbra: Instituto de Arqueologia (policopiado).
- SILVEIRA, Joaquim da (1937) – “Toponímia Portuguesa”. *Revista Lusitana*, 35, Lisboa, pp. 50-139.
- SOARES, Sérgio Cunha (1996-1997) – “O ducado de Aveiro e a vila da Lousã no século XVIII (1732-1759)”. *Arunce: Revista de Divulgação Cultural*, 11 e 12.
- SOARES, Sérgio Cunha (1996) – “Nobreza conimbricense e modos de governo político. Um ensaio municipal (1640-1777)”. *Revista Portuguesa de História*, 31, pp. 555-573.
- SOARES, Sérgio Cunha (2000-2004) – *O Município de Coimbra da Restauração ao Pombalismo*. 3 Volumes. Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura.
- SOFAER, Joanna (2006) – *The Body as Material Culture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SORIAMESA, Enrique (2007) – *La nobleza en la España moderna. Cambio e continuidade*. Madrid: Marcial Pons Historia.
- VASCONCELOS, José Leite (1896) – “Xorca de ouro”. *O Archeologo Português*, II, pp. 17-24.
- VASCONCELOS, José Leite (1913) – “Aquisições do Museu Etnológico Português”. *O Archeologo Português*, XVIII, pp. 131-168.
- VELHO, Martim (1985) – “Ibn Marwan (Ibn al-Djilliki) e Sadun Surunbaqi. A localização de Monsalude”. *Proceedings of the ninth Congress of the Union Européenne d’Arabisants et Islamisants*, Leiden, pp. 270-287.
- VENTURA, Leontina (1992) – *A nobreza de corte de Afonso III* (Tese de doutoramento, policopiada, apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra).
- VERSOS, Inês, OLIVAL, Fernanda (2009) – “Modelos de Nobreza: a Ordem de Malta e as três Ordens Militares portuguesas: uma perspectiva comparada (séc. XVII-XVIII)”. In *Nobleza Hispana, Nobleza Cristiana: la Orden de San Juan*, vol. 2. Madrid: Polifemo. pp. 1125-1158.

- VILAÇA, Raquel (2007) – “Depósitos de Bronze do território Português. Um debate em aberto”. *Conimbriga/Anexos* 5. Coimbra: Instituto de Arqueologia.
- VILAÇA, Raquel (2008) – “No rasto do Bronze Final do Centro-sul da Beira Litoral: artefactos metálicos e seus contextos”. In CALLAPEZ, Pedro Miguel et al. (eds.) – *A Terra: conflitos e ordem. Homenagem ao Professor Ferreira Soares*. Coimbra, pp. 75-88.
- VILAÇA, Raquel (2012) – “Arqueologia do Bronze no Centro-Sul da Beira Litoral e Alta Estremadura (II-I milénios a.C.)”. *Actas do Colóquio Olhares sobre a História, a Arqueologia e a Geologia de Vila Nova e da Serra da Lousã*. Vila Nova/Miranda do Corvo, pp. 16-32.
- VILAÇA, Raquel e CARVALHO, Pedro (2000) – *Relatório da intervenção arqueológica realizada na Gruta da Nascente do Algarinho, Penela* (inédito, relatório policopiado).
- VV.AA. – *O oppidum de Conimbriga e as Terras de Sicó*. Conimbriga: Liga de Amigos de Conimbriga.
- ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins (1960) (coord.) – *Nobreza de Portugal. Bibliografia, biografia, cronologia, filatelia, genealogia, heráldica, história, nobiliarquia, numismática*. Vol. II. Lisboa: Editorial Enciclopédia.